

A interpretação da imagem tátil pelo leitor cego: uma metodologia para coleta e análise de dados

The interpretation of the tactile image by the blind reader: a methodology for data collection and analysis

Elizabeth Romani, Clíce de Toledo Sanjar Mazzilli

leitura háptica, livro tátil ilustrado, metodologia, leitor cego

Este artigo aborda processos metodológicos utilizados na coleta e análise de dados a partir da leitura háptica. A pesquisa objetiva examinar procedimentos de avaliação da compreensão do leitor cego diante de uma imagem tátil, na medida em que a questiona no atual contexto de produção de livros táteis ilustrados. Para alcançar tal propósito foram determinadas as seguintes fases: seleção do objeto de estudo, tradução de textos em outras línguas para o português, preparação de protocolos de pesquisa, designação da dinâmica dos encontros para leitura e, por fim, coleta de dados. Deste modo, este trabalho pretende contribuir com a discussão sobre o design de livros inclusivos e possíveis caminhos para a produção da imagem tátil.

haptic reading, tactile illustrated book, methodology, blind reader

This paper presents a discussion about the methodological process for data collection and analysis from the haptic reading. This research proposes procedures that aim to evaluate the tactile image comprehension, questioning if the tactile illustration, in the current context for tactile illustrated books, is understood by the blind. To achieve such purpose, the following stages were defined: selection of the object of study, translation of the foreign texts to Portuguese, preparation of the research protocols, designation of the meetings dynamic for the reading and, at last, data collection. Thereby, this paper aims to contribute to the discussion about the design of the inclusive book and possible paths for the production of tactile images.

1 Introdução

O volume de produção de livros com texto em braille no Brasil tem aumentado significativamente nos últimos anos, no entanto, os dados coletados apontam para uma realidade ainda carente de mecanismos de acesso a eles, se considerarmos a população com deficiência visual. De acordo com o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, por volta de 45,6 milhões de brasileiros, ou seja, 23,9% da população, apresentavam algum tipo de incapacidade ou deficiência. Dentre eles, quase 530 mil se declararam cegos e 6 milhões, com grande dificuldade de enxergar, sendo, do total: 5% crianças, 10% jovens, 48% adultos e 37% idosos.

Diante do panorama da deficiência visual no Brasil, compreendeu-se a relevância da produção deste tipo de publicação e identificou-se a carência de livros adaptados à leitura háptica¹ destinados a crianças em fase de alfabetização. O livro tátil ilustrado é um produto que requer um cuidado técnico de produção porque, além de conter o texto em braille, possui também imagens em relevo, por isso sua disponibilidade é escassa no mercado editorial nacional e internacional. A impressão braille é ainda uma barreira no setor editorial pela especificidade na reprodução e na editoração, por isso poucas editoras investem neste segmento, ficando sua produção a cargo de iniciativas particulares ou organizações sem fins lucrativos. Esta produção está também vinculada ao caráter assistencialista das instituições de

¹ O termo "háptico", de acordo com Polato (2010), é utilizado para evidenciar o tocar ativo, no qual o tocar é acompanhado pelo movimento da mão, do pulso, dos braços, das costas, uma sensação tátil ressaltada na pele, na musculatura e nos tendões.

amparo à pessoa com deficiência, o que motiva o baixo custo como premissa básica de projeto. Quando se trata de um livro com imagem tátil, a complexidade do projeto editorial aumenta, porque, além da técnica de reprodução, a concepção do desenho afetará a compreensão do leitor cego.

No Brasil, as duas principais instituições que produzem o livro com texto em braille em tiragem com abrangência nacional são a Fundação Dorina Nowill para Cegos (FDNC), antiga Fundação para o Livro do Cego no Brasil, em São Paulo, e o Instituto Benjamin Constant (IBC), antigo Imperial Instituto dos Meninos Cegos, no Rio de Janeiro. As duas instituições distribuem livros para escolas, associações, bibliotecas e organizações de todo o país, o que foi constatado ao longo de visitas a campo. Além da Imprensa Braille, estas instituições prestam serviços de adaptação e transcrição de livros didáticos financiados pelo governo e executam encomendas específicas às editoras. Apesar da eficiência de produção, resultando em tiragens elevadas, seu processo de impressão apresenta um caráter restritivo, o que desencadeia uma limitação da percepção háptica do leitor cego.

Embora a oferta de livros táteis tenha aumentado em decorrência do avanço das tecnologias gráficas, tal tipo de livro, tido como produto editorial, ainda carece de instrumentos para analisar sua eficiência em transmitir informações. Hatwell (2010) explica que o processo de reconhecimento tátil demanda muito tempo e esforço por parte do leitor cego, porque a percepção háptica é fragmentada em momentos de apreciação, requerendo dele muita concentração durante o processo de exploração. A autora relata ainda que a leitura háptica exige um esforço de memória e síntese para interpretar a representação unitária do objeto, concluindo que é difícil conduzir uma pesquisa com pessoas com deficiência visual porque existem muitos condicionantes a serem analisados, entre eles, o retardo no aprendizado da leitura e escrita braille.

A revisão bibliográfica mostrou que as teorias sobre percepção háptica não foram suficientes para esclarecer qual seria a clareza do leitor cego acerca das imagens táteis, porque os estudos, como de Amiralian (1997), Bonanomi (2010), Hatwell (2010) e Secchi (2011) concentram-se na psicologia cognitiva do cego ou processos de construção mental. Além das pesquisas de percepção, os autores Bruno (1997), Duarte (2011), Reily (2004) e Restelli (2002) são voltados ao ensino do desenho para criança cega, ao invés de observar sua compreensão durante a leitura. Deste modo, a ausência desse tipo de estudo, especialmente no campo do design gráfico, motivou o desenvolvimento de pesquisa empírica sobre o tema, a partir da compreensão do leitor cego.

Partiu-se do pressuposto que o texto em braille seria legível quando bem executado, e que muitas das formas de representação da imagem encontradas nos livros táteis não eram compreendidas pelo leitor cego. Assim, a leitura precisaria ser auxiliada por um mediador, pelos pais, amigos, vizinhos, ou, o que ocorreria com mais frequência, pelo significado das palavras encontradas no texto. Em vista disso, considerou-se que a leitura de publicações selecionadas junto ao público de interesse – crianças e adultos cegos – contribuiria para a compreensão do processo de leitura háptica a partir de certos instrumentos e procedimentos criados especificamente para este tipo de leitor. Assim, este artigo tem como objetivo apresentar as etapas metodológicas utilizadas na aferição da percepção do leitor cego, tendo em vista o processo de criação da imagem no âmbito do design do livro tátil ilustrado.

2 Procedimentos metodológicos propostos para análise

As etapas metodológicas utilizadas na pesquisa foram: seleção do objeto de estudo, tradução de textos em outras línguas para o português, preparação de protocolos de pesquisa, designação da dinâmica dos encontros para leitura e, por fim, coleta de dados. Bauer e Gaskell (2012), Cardeal (2011) e Vianna (2003) fundamentaram a criação dos instrumentos e procedimentos para a análise.

Seleção dos livros

A análise da acepção do leitor cego diante do livro tátil ilustrado foi construída a partir de instrumentos e procedimentos da pesquisa qualitativa, mesclando diferentes fontes de informações. A primeira etapa, anterior à análise propriamente dita, levantou as várias

iniciativas de produção do livro tátil ilustrado e reconheceu as respectivas propostas gráficas. Atualmente, grande parte do desenvolvimento gráfico do livro tátil está vinculada às áreas de conhecimento da pedagogia e da psicologia, e é desenvolvida nos centros de assistência à pessoa com deficiência visual. Por esta razão, no Brasil, os livros de diferentes iniciativas de edição assemelham-se entre si e são reproduzidos a partir da concepção do material didático para cegos. Realizou-se, entre 2012 e 2015, o levantamento da produção editorial tátil na cidade de São Paulo, a partir de visitas aos seus três maiores acervos em braille: a Seção Braille da Biblioteca Senac SP, a Biblioteca São Paulo e a Biblioteca Louis Braille (BLB).

Os acervos encontrados nas bibliotecas não eram muito diferentes entre si, constituídos, em sua maioria, por livros em braille produzidos pela FDNC ou pelo IBC. Notou-se a presença pontual de livros editados por outras empresas, por exemplo, editora Paulinas, WG Produto e Editora Pallas, e títulos produzidos artesanalmente pela BLB. Os únicos não impressos ou adaptados na FDNC foram os livros da coleção Adélia, *O livro negro das cores*, a coleção Traça Traço e os livros oriundos de uma produção artesanal. Após construir um panorama dos livros táteis ilustrados na cidade de São Paulo, observou-se que as soluções gráfica e tátil não se diferenciavam muito, com exceção dos livros produzidos sem qualquer interferência da FDNC.

A pesquisa de campo foi essencial para o reconhecimento do acervo de livros táteis ilustrados disponíveis como potenciais objetos de estudo. A partir deste entendimento, foi possível fazer um recorte na pesquisa, selecionando os títulos para a avaliação de leitura. Ademais, a escolha destes livros esteve pautada no propósito da pesquisa: investigar a compreensão da imagem. Desta maneira, a seleção dos livros deveria representar a diversidade da produção brasileira e, em alguns casos, a estrangeira, assim como diferentes meios de confecção e linguagem gráfica.

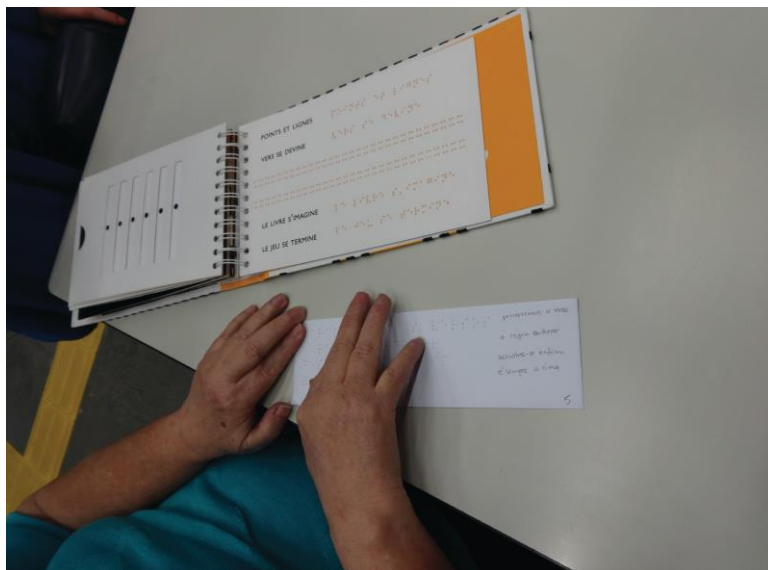
Encontros de leitura

Nesta pesquisa, chamou-se a reunião com leitores cegos de encontros de leitura, acreditando-se ser o nome mais apropriado para esta fase de coleta de dados. O interesse maior desses encontros foi identificar a legibilidade dos elementos dentro do contexto da narrativa, envolvendo a compreensão da leitura da imagem, do texto e da composição do livro. O acompanhamento de leituras mediadas é comumente encontrado em metodologia projetiva, com o propósito de entender a reação do usuário a partir de uma situação estimulante (Gil, 2000). Ainda que a pesquisadora tenha participado da atividade, tentou-se intervir o menor tempo possível durante o processo de leitura, restringindo a atuação de mediação aos pontuais estímulos diante de uma imagem enigmática. A mediação, identificando a imagem após a leitura do texto, foi uma estratégia adotada para que o leitor aos poucos aprendesse a linguagem do desenho.

Preparação dos livros

A fim de que houvesse um pleno entendimento do texto e com a finalidade de observar o quanto o cego apoiava-se no texto para compreensão da imagem tátil, os livros escritos em idiomas diferentes do português foram devidamente traduzidos. Durante a leitura, estes foram entregues aos leitores na forma de legenda em folhas soltas (Fig. 1) e na sequência narrativa do título original. A transcrição para o Código Braille foi realizada numa reglete plástica, o que não permitiu total legibilidade, identificada pelos participantes adultos, alegando ligeira diferença nos pontos e maior dificuldade para uma leitura fluida. Entretanto, considerando que a massa de texto era pequena em todos os livros analisados, a qualidade do braille não prejudicou o andamento da pesquisa.

Figura 1: Exemplo de aplicação da legenda durante a leitura de um título francês.



Elaboração de protocolos de pesquisa

Para os encontros de leitura, o levantamento de dados foi estruturado a partir dos métodos da pesquisa qualitativa, especialmente, a observação participativa e o questionário ao término de cada livro. Bauer e Gaskell (2012) defendem como alternativa à entrevista, a observação do participante de maneira que se obtenha maior amplitude e profundidade de informação, e assim seja possível triangular diferentes impressões e observações. O questionário ou entrevista como fonte de dados limita as informações fornecidas pelo entrevistado. “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Bauer & Gaskell, 2012: 68).

Diante deste entendimento, a extração dos dados deu-se, especialmente da observação do leitor com deficiência visual durante o processo de leitura de um livro pré-selecionado. De modo a não perder as informações, as sessões de leitura foram gravadas em áudio e vídeo, bem como foram registradas algumas situações em fotografia. O monitoramento do comportamento do usuário diante do livro possibilitou adicionar dados que poderiam ter passado despercebidos durante a dinâmica de leitura com o pesquisador. Além disso, a coleta de dados por meio de questionário reforçou e complementou a observação. A construção do questionário obedeceu às recomendações de uma entrevista estruturada (Silverman, 2009), ou seja, usar apresentações padronizadas, seguir uma sequência de perguntas, evitar explicações das perguntas, impedir interrupções e opiniões externas, nunca sugerir uma resposta e não improvisar respostas durante o estudo.

As leituras e questionários foram realizados com prévio agendamento em comum acordo com as partes envolvidas. Num primeiro momento, houve a coleta de dados pessoais, de forma a conhecer um pouco do participante. As fichas dos participantes (Tabela 1) com a informação pessoal e os protocolos desenvolvidos compuseram o perfil do participante e permitiram conhecer seu repertório imagético prévio ou mesmo entender se o leitor retém uma memória visual. A fim de preservar a identificação dos participantes, adotou-se nomes fictícios. Apesar de cada participante ter uma ficha separada, a dinâmica foi, em sua maioria, realizada em grupos pequenos. De acordo com Bauer e Gaskell (2012), no ambiente em grupo, as pessoas estão mais propensas a acolher novas ideias e explorar suas implicações, o grupo pode proporcionar níveis de envolvimento que raramente se observam individualmente, por outro lado, podem ocorrer lideranças de opiniões.

Tabela 1: Roteiro para perfil dos participantes.

Nome

Idade

Tipo de deficiência visual

Quantos anos você tinha quando começou a aprender braille?

Qual é sua relação com o livro?

Tem algum conhecimento de desenho?

Seleção do local e amostragem

Após estabelecer os protocolos da investigação, a etapa seguinte foi selecionar o local com a devida infraestrutura para realizar a pesquisa, bem como a anuência para a realização das atividades em suas dependências. A escolha das instituições participantes obedeceu a dois critérios: instituições idôneas e acesso aos participantes. Os encontros ocorreram em instituições localizadas na cidade de São Paulo, em função da viabilidade de acesso, entendendo que a quantidade estimada de visitas seria inviável caso houvesse a necessidade de grandes deslocamentos. Deste modo, foram selecionados a BLB e o Instituto Padre Chico (IPC). Na BLB, a pesquisa foi destinada aos adultos, considerando a baixa frequência de crianças na biblioteca, já que durante seis meses de constantes visitas, não se presenciou nenhuma criança no local. Depois de percorrer muitas instituições paulistanas, escolheu-se o IPC para a pesquisa com as crianças. A seleção desta escola para realizar as leituras deu-se pela importância histórica e ao entender-se que ali se encontram crianças que já têm contato com a imagem tátil.

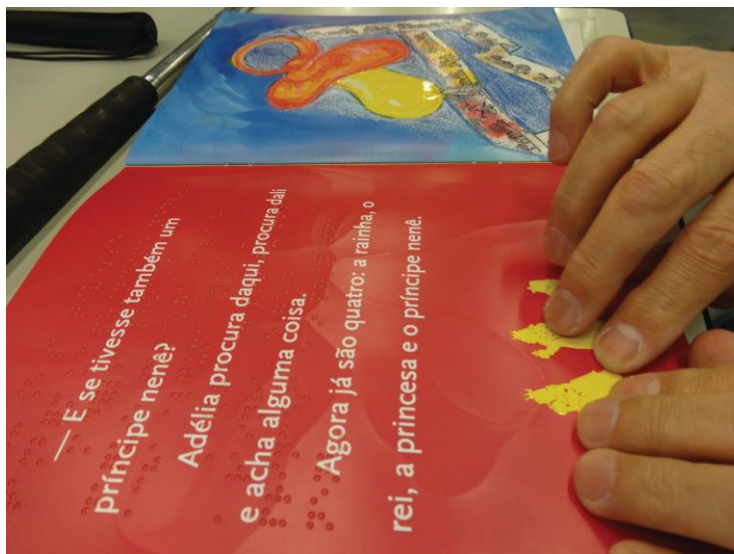
A Coordenação das instituições, em ambos os locais que abrigaram a pesquisa, determinou o grupo de participantes. Em cada instituição, constituiu-se, heterogeneamente, um grupo distinto de leitores: adultos entre 46 e 64 anos de idade, cegos tardios e congênitos, e um grupo de crianças e uma adolescente entre 8 e 18 anos de idade, que perderam a visão até 1 ano e sem qualquer indício de memória visual. Inicialmente, a amostragem pretendida era de um número um pouco maior de participantes, tanto adultos como crianças, entretanto, a seleção ficou a cargo de ambas as coordenações das instituições que sediaram a pesquisa. Devido à complexidade da dinâmica com cegos, decidiu-se, assim, por uma amostragem por tipicidade, considerando um pequeno grupo para representar o leitor em questão.

Dinâmica dos encontros

Após assinarem o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, agendaram-se as leituras em grupo, de periodicidade semanal. Os encontros com as crianças foram acompanhados pela Coordenadora de Artes e Música, Isabel Bertevelli, e pela professora de música, Marcela Trevisani, dentro do IPC. Todas as atividades envolvendo coleta de dados com crianças foram acompanhadas por Marcela, sempre no período da tarde, após as atividades do ensino regular. Cada encontro teve duração de 3 horas, e foi realizado entre outubro e dezembro de 2015. Um processo semelhante ocorreu com o grupo de adultos da BLB. Os encontros foram realizados semanalmente, no período de julho a dezembro de 2015, com agendamento prévio dos participantes e com duração média de 3 horas. O extenso período de pesquisa foi possibilitado porque houve envolvimento de todos os participantes do grupo e da coordenação que apoiou o trabalho.

A observação da criança e do adulto foi auxiliada pela coleta de vídeos durante o processo de leitura, devidamente autorizada pelos participantes. Esta coleta serviu para analisar a postura corporal, um dado que não é transmitido pelo registro oral. A documentação fotográfica preservou a identidade do participante na medida em que o registro restringiu-se ao enquadramento nas mãos (Fig. 2). Ao término do levantamento, todas as imagens foram enviadas para as respectivas instituições, IPC e BLB, a fim de obter o consentimento de uso.

Figura 2: Exemplo de imagens coletadas durante a leitura.



A pesquisa teve o caráter voluntário do participante, podendo a criança e o adulto solicitar o término da atividade a qualquer momento durante a entrevista, bem como a interrupção das gravações. A condução do encontro foi importante para que a criança não se dispersasse muito da leitura, garantindo, então, que a atividade respeitasse o tempo individual de percepção háptica. A pesquisadora assumiu um papel ativo, defendido pela pesquisa-ação (Vianna, 2003), ao colocar algumas perguntas estratégicas durante o contato com as crianças, que promovessem um entendimento maior sobre a leitura: “Poderia falar sobre isso?”, “O que mais você entende?”, “Por que você acha isso?”, “O que você acha que este desenho representa?”.

No primeiro encontro de leitura, foram explicados os propósitos da atividade, enfatizando o caráter da pesquisa sobre o livro. Esperou-se que, desta maneira, o participante sentisse mais liberdade em responder, sem medo da avaliação institucional escolar, principalmente na visão da criança. Após a explicação do processo, o livro foi entregue na mão do participante para que tivesse suas próprias percepções do objeto tridimensional, e foi-lhe consentido um tempo não determinado para a leitura. Ao sinalizar o término da leitura da página dupla, o livro era passado para outro participante. Ao término da leitura, as perguntas foram realizadas de forma individualizada.

O questionário obedeceu às seguintes condutas de comportamento, conforme descreve Silverman (2009): fazer a pergunta exatamente como está redigida e na ordem do roteiro, não demonstrar surpresa ou desaprovação diante da resposta e oferecer explicações diante de dúvida. A atuação do entrevistador-mediador foi direcionada com o intuito de impedir que a conversa desviasse do assunto trabalhado, no caso do livro analisado. As respostas foram registradas no momento da entrevista por meio de anotações e uso de gravador para simples conferência final. As perguntas foram de natureza aberta, sendo de menor número aquelas de intervenção mediada.

Coleta de dados

A análise de dados partiu de relatos dos participantes, coletados por meio de questionário (Tabela 3) e perguntas mediadas durante a leitura, sendo os dados sistematizados para cada participante. Coletaram-se informações para cada página dupla do livro, medindo o grau de compreensão da imagem tátil a partir do questionamento: reconhece de imediato; reconhece com dificuldade, não reconhece e acredita ser. No caso de reconhecimento “imediato”, considera-se que o leitor não precisa de mediação para entendimento da ilustração e quando apresenta “dificuldade”, o leitor compreende a imagem após receber uma pista (verbal ou textual). Antes de cada encontro foi desenhada uma ficha para coleta de dados (Tabela 2), de modo semelhante ao encontrado em Cardeal (2013).

Tabela 2: Ficha para coleta de dados.

		■ CRIANÇA	▲ ADOLESCENTE	● ADULTO	
localização no livro	imagem	reconhece de imediato	reconhece com dificuldade	não reconhece	acredita ser ou reconhece
capa					
página 2					
página 4					
página 5					nuvem
página 6					triângulo livro pente
página 7					
página 9					escada
página 10					
página 12					sorriso

Tabela 3: Roteiro para coleta de dados dos livros.

NOME DO PARTICIPANTE		
DATA	INÍCIO DA LEITURA	TÉRMINO DA LEITURA
O que você entendeu do livro?		
O que você mais gostou no livro?		
O que você não gostou?		
Como foi a leitura?		
O que você diria da leitura do texto em braille?		
O que você entendeu dos desenhos?		
Se fosse tirar algum desenho, qual seria? Por quê?		
Qual desenho você reconheceu de imediato?		
Por que você acha que isso aconteceu?		
Voltaria a ler este livro?		

Dificuldades encontradas

Os procedimentos metodológicos acima descritos foram colocados em prática no segundo semestre de 2015, quando foram avaliados os seis livros táteis ilustrados selecionados. No primeiro mês de pesquisa com o leitor adulto, aproveitou-se o momento de apreensão dos participantes para discutir outros tipos de publicação envolvendo a imagem tátil. Neste período, notou-se a clara rejeição dos participantes diante deste tipo de imagem. Esta recusa, mais tarde, foi compreendida como falta de confiança, uma vez que eles eram de uma geração que não teve contato com o desenho e com a imagem no processo de alfabetização em braille. A dificuldade de leitura da ilustração tátil foi evidenciada ao longo dos encontros. No início, os participantes mostraram-se reticentes para falar o que estavam lendo nas páginas ilustradas, porque acreditavam que era uma questão de incapacidade pessoal ao invés de imaginar que o livro pudesse apresentar algum problema de representação. No primeiro encontro, o participante de 64 anos disse: “Eu sou muito ruim de ler gráfico.” Este era outro conflito a ser vencido: o entendimento de que a imagem tátil vai além dos gráficos dos materiais pedagógicos.

Após quebrar todas as barreiras que pudessem interferir no processo de leitura háptica, estabeleceu-se um grupo de encontro assíduo. O projeto de pesquisa previa leituras individuais, no entanto, optou-se em realizar a dinâmica em grupo, uma vez que os participantes se mostravam dispostos a colaborar em todos os momentos. Apesar de não previsto, as conversas promovidas entre os participantes durante os encontros apresentaram-se, também, como fonte de informação.

Ao mesmo tempo em que se iniciaram os encontros na BLB, a pesquisadora entrou em contato com o IPC para a realização de semelhante pesquisa com as crianças. Foram estabelecidos encontros fora do horário de aula, após o almoço e antes que os pais buscassem os filhos, entre 13h e 15h. O horário foi a primeira barreira porque, neste período, as crianças tinham aulas extracurriculares, como, por exemplo, música, orientação vocacional e dança. Foi solicitado à Coordenação que selecionasse crianças fluentes na leitura braille e que se dispusessem a participar de livre e espontânea vontade. Pelo fato de competir com estas aulas e a pesquisa ter um caráter voluntário, poucas crianças tiveram o interesse em se envolver, especialmente por ser uma atividade relacionada à leitura. Nos dois primeiros livros, participou um grupo de quatro crianças entre 8 e 10 anos, sendo três meninos e uma menina. Porém,

deste grupo inicial, somente a menina de 8 anos interessou-se em continuar a participar de todos os encontros.

A ausência de interesse na leitura foi um fator imprevisto no projeto de pesquisa. A partir deste impasse, a coordenadora de Artes do colégio sugeriu a substituição dos meninos por uma adolescente de 18 anos. Essa aluna aprendera o Código Braille tardiamente e, por isso, estava em defasagem escolar, mas tinha muito interesse pela leitura. Ao contrário do que ocorreu com os participantes adultos, em que houve a necessidade de uma interação prévia para que pudessem se sentir mais confiantes, as alunas do IPC não tiveram qualquer problema de inibição ou socialização. O impasse enfrentado foi de outra natureza, fazer com que eles se concentrassem no livro, o que tornou necessária uma reavaliação da composição inicial com quatro crianças simultâneas.

Outro ponto de divergência entre os adultos e as crianças, e que também não estava previsto no projeto, foi o questionário realizado após a leitura. Apenas a adolescente teve paciência para levar a sério e responder com calma as perguntas, ao contrário da menina que não o fez, por isso se excluiu o questionário durante o encontro com as crianças, uma vez que não se mostrou um instrumento adequado para o trabalho.

3 Considerações finais

Investigar a produção da imagem tátil foi o eixo norteador desta pesquisa, questionando-se se a ilustração tátil, no atual contexto de produção de livros táteis ilustrados brasileiros, era compreendida pelo cego, garantindo-lhe autonomia de leitura. Partiu-se da revisão bibliográfica para obtenção de instrumentos de análise, no entanto, o aporte teórico isolado se mostrou insuficiente para atender a todas as indagações, mas serviu para estabelecer parâmetros comparativos ao se discutir livros selecionados como estudo de caso. Tendo em vista que nem toda a teoria da percepção visual aplica-se à leitura háptica, a pesquisa junto aos cegos apontou alguns dos artifícios utilizados por eles para a interpretação da imagem tátil.

O convívio com crianças e adultos cegos permitiu uma aproximação com a figura do leitor, sendo que, por meio apenas da literatura, isso não teria sido possível. Estabeleceu-se, assim, um diálogo para além do livro, passando-se a compreender o universo perceptível deles. O leitor cego, antes de tudo, é uma pessoa que se expressa a todo o momento, compartilha emoções durante a leitura, e todos os sentimentos foram, constantemente, presenciados, no visível conforto com que as crianças chegavam para a atividade de leitura e na ansiedade demonstrada pelos adultos com os próximos títulos e descobertas. O momento de leitura era sempre acompanhado de muita conversa e caretas por parte dos participantes, porque, por vezes, eram tomados por surpresas com a imagem.

Ao montar grupos distintos de leitura, não houve a intenção de estabelecer padrões comparativos entre o nível de compreensão dos adultos e das crianças. Entretanto, durante as atividades, constataram-se algumas diferenças mais acentuadas, principalmente pela segurança encontrada nas crianças em contrapartida à desconfiança dos adultos, não apenas no processo de leitura, mas também na abertura ao diálogo nos primeiros encontros. Os adultos que participaram eram cegos tardios, então buscavam um paralelo entre a informação lida e a memória visual, o que nem sempre fornecia uma clara interpretação da mensagem visual. Já nas crianças, o repertório gráfico estava sendo construído na escola, por meio das leituras e durante as aulas de artes.

A trajetória metodológica descrita neste artigo não teve a intenção de encerrar um assunto, mas ampliar a discussão sobre possíveis métodos de coleta de dados com a participação do leitor cego. Ao considerar a restrita discussão disponível neste âmbito de pesquisa, a leitura háptica de livros com imagens, os procedimentos estudados permitiram confrontar alguns dos conhecimentos apregoados nas instituições de ensino ou amparo à pessoa com deficiência visual.

Agradecimento

À CAPES pelo apoio financeiro à pesquisa e pelo apoio durante o programa PDSE.

Referências

- AMIRALIAN, M. L. T. M. 1997. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- BAUER, M. W. & GASKELL, G. (orgs). 2012. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Trad. Pedrinho Guareschi. 13 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- BONANOMI, P. Costruire il piacere della lettura. In: QUATRARO, A (org.). *Immagini da toccare: proposte metodologiche per la realizzazione e fruizione di illustrazioni tattili*. Monza: Biblioteca Italiana per i Ciechi "Regina Margherita" ONLUS, 2004.
- BRUNO, M. M. G. 1997. *Deficiência visual: reflexões sobre a prática pedagógica*. São Paulo: Laramara.
- CARDEAL, M. 2011. Metáforas visuais – redundâncias táteis. In: DUARTE, M. L. B.; PIEKAS, M. I. (org.). *Desenho infantil em pesquisa: imagens visuais e táteis*. Curitiba: Editora Insight.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <www.geoftp.ibge.gov.br/regioes_de_influencia_das_cidades/> . Acesso em: mar. 2017.
- GIL, A. C. 1999. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HATWELL, Y. 2010. *Psicologia cognitiva della cecità precoce*. Trad. Michelina Mosca Di Dino. Monza: Biblioteca Italiana dei Ciechi Regina Margherita.
- REILY, L. 2004. *Escola inclusiva: Linguagem e mediação*. Campinas: Papirus.
- RESELLI, B. 2002. *Giocare con tatto: per una educazione plurisensoriale secondo il método Bruno Munari*. Milano: FrancoAngeli.
- SECCHI, L. 2011. Toccare la pittura: percezione, cognizione ed interiorizzazione di forma e contenuto, attraverso l'educazione estetica dedicata alle persone non vedenti ed ipovedenti. In: *L'arte vista sotto un'altra ottica*. Roma: Armando Editore, 2011. p.67-86.
- SILVERMAN, D. 2009. *Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações*. Trad. Madga França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- VIANNA, H. M. 2003. *Pesquisa em Educação: a observação*. Brasília: Plano Editora.

Sobre as autoras

Elizabeth Romani, doutora, UFRN, Brasil <romanibeth@gmail.com>

Clice de Toledo Sanjar Mazzilli, doutora, USP, Brasil <clice@usp.br>